

## **Alimento caro perde lugar para produto mais barato**

*Pedro Soares*

*Para economista, alta de preços se converte também em retração de consumo*

*Itens considerados mais sofisticados, como certos derivados de leite, agora freqüentam menos a mesa das famílias brasileiras*

O mundo vive um "surto inflacionário" decorrente da forte alta de alimentos básicos, e o brasileiro sente os reflexos na mesa. É intensa a substituição de itens mais caros por outros mais baratos, segundo especialistas ouvidos pela Folha.

Nos últimos 16 meses, período no qual se acelerou com força, a inflação do grupo alimentação subiu 15,63%, segundo o IPCA. Em 2007, a alta chegou a 10,79%. Neste ano (janeiro a abril), bateu em 4,37% -variação que supera, em apenas quatro meses, as taxas anuais de 2005 (1,99%) e 2006 (1,22%).

Contra a alta de preços, o governo traçou políticas de estímulo à produção de trigo, feijão, arroz e milho com leilões, fixação de preços mínimos e financiamento estatal às lavouras, relatou o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes.

A preocupação reside em que os reajustes se concentram neste ano em itens de primeira necessidade, como pão francês (alta de 13,99% de janeiro a abril), óleo de soja (29,46%), feijão-preto (44,99%), macarrão (6,70%), ovos (10,84%). O arroz, por exemplo, teve alta de 5,01% neste ano.

Comer fora ficou mais caro: 4,89%. Foi o que mais pesou no IPCA do ano -0,19 ponto percentual. Nem a cerveja escapou -alta de 3,95%.

Os aumentos se traduzem em menos compras e piora da qualidade dos alimentos consumidos. "As altas se convertem, em algum nível, em menor consumo", diz Carlos Thadeu de Freitas Filho, economista-chefe da corretora SLW.

O economista não vê, no curto prazo, uma inversão da tendência para os preços. "O mundo vive um surto inflacionário. Sou pessimista. É apenas o começo de um processo."

Para Raphael Castro, economista da LCA Consultores, a alta dos preços mundiais dos alimentos que se iniciou no final de 2006 deve se estender por um bom tempo ainda.

Estopins

Entre os estopins para o aumento das commodities, citou problemas na oferta de produtos como trigo, desvio de produção de milho para a fabricação de álcool e elevação do consumo de países emergentes.

Diante das fortes altas, Castro diz que é intenso o movimento de substituição de produtos na cesta de compras dos brasileiros. Ele não descarta que algumas famílias de mais baixa renda tenham começado a cortar as quantidades consumidas. Outras, diz, eliminaram da lista itens mais sofisticados, como alguns derivados de leite.

Mais otimista, a coordenadora de Índices de Preços do IBGE, Eulina Nunes dos Santos, diz não acreditar numa retração do consumo. O que deve estar ocorrendo, afirma, é uma substituição de marca e restrição de alguns itens.

Para ela, a renda em alta nos últimos anos possibilitou o maior consumo de alimentos e de bens duráveis -estes impulsionados pelo crédito farto.

Agora, com uma parcela maior do orçamento destinada à compra de alimentos, é possível que as famílias reduzam o consumo de outros bens.

A hipótese é referendada por Freitas. "Como a elasticidade dos alimentos é menor, deve haver retração em bens duráveis [eletrodomésticos] e semiduráveis [vestuário]."

Segundo o economista, o crédito em expansão assegura, porém, o bom desempenho das vendas desses itens.

Preço globalizado

A alta do consumo mundial de alimentos deprimiu estoques e fez surgir um novo efeito. Se há restrição na oferta de algum produto num país, rapidamente os preços em outros lugares se modificam.

**Previsibilidade se torna trunfo, diz Meirelles**

**MARINA GAZZONI**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A previsibilidade é o grande trunfo atual da economia brasileira, afirmou ontem à noite o presidente do Banco Central.

Henrique Meirelles participou, em São Paulo, da comemoração dos 50 anos da Acrefi (Associação Nacional das Instituições de Crédito).

"O Brasil vive um momento econômico inédito, em razão da combinação de metas de inflação e uma política focada no resultado", disse Meirelles, em seu discurso.

O presidente do BC lembrou da instabilidade econômica do país nas décadas de 80 e 90 e do impacto na inflação, que, segundo ele, variou 13,147 bilhões% entre os anos de 1980 e 1994.

"Para ter uma idéia da corrosão inflacionário que o país viveu, um cruzeiro em 1990 valeria atualmente uma fração de centavos com nove zeros. Dessa forma, a nossa performance inflacionária valeria, em termos de magnitude, 90 mil vezes a distância em quilômetros da Terra ao Sol", afirmou.

Meirelles reforçou a importância de uma política econômica consistente. "Existe a tendência de achar que o Brasil tem de inventar a roda. Quando, na verdade, o país tem que colocá-la para rodar."

**Grau de investimento**

Meirelles afirmou que o grau de investimento não era uma meta do país, mas um símbolo que reforça o caráter de previsibilidade e consolidação do crescimento sustentável. Para o presidente do BC, continuar a crescer de forma estável é a prioridade do país.

"Um ambiente marcado por previsibilidade é fundamental para assegurar que este ciclo não esbarre na clássica consequência de arrancadas exageradas seguidas de freadas."

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 mai. 2008, Dinheiro, p. B6.